Mundo e Desenvolvimento
Revista do Instituto de Estudos Económicos e Internacionais
v. 8 n. 10 (2026)

FOME, POBREZA E DESIGUALDADE: DESAFIOS DA AMÉRICA LATINA[1]

Marina Gusmão de Mendonça[2]

Resumo: Na América Latina, a fome tem siso um flagelo desde o período colonial. Embora riquíssima em recursos naturais, sua população é continuamente assolada por essa tragédia, que se intensificou a partir de 2020, com a pandemia de Covid-19 e o consequente aumento dos preços internacionais dos alimentos. As raízes desse problema devem ser buscadas em vários fatores, notadamente na pobreza de grande contingente da população, na desigualdade social e na concentração de renda, verificadas desde a colonização e que decorrem da forma de inserção dos países latino-americanos no sistema capitalista a partir da independência, da permanência de instituições voltadas para a defesa dos privilégios de classe, da falta de autonomia das classes dominantes em relação aos centros do capitalismo, da ausência de projetos nacionais e da implantação do neoliberalismo, que levou o continente a retomar seu antigo papel na divisão internacional do trabalho e enfraqueceu sobremaneira o Estado.

Palavras-chave: América Latina; Fome; Instituições; Estado

[1] Texto apresentado no XXV Fórum de Análise de Conjuntura, organizado pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (FFC-UNESP) – campus de Marília, e pelo Departamento de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN-UNIFESP) – campus de Osasco, entre os dias 20 e 23 de outubro de 2025.

[2] Bacharel em História e Direito pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre e Doutora em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FLCH-USP); possui Pós-Doutorado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (FFC-UNESP) - campus de Marília; possui Pós-Doutorado em Relações Internacionais pelo Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (IRI-USP); Professora Associada do Departamento de Relações Internacionais da Escola Paulista de Política, Economia e Negócios da Universidade Federal de São Paulo (EPPEN-UNIFESP) - campus de Osasco; Professora do Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP); Pesquisadora Convidada da Cátedra Josué de Castro de Sistemas Alimentares Saudáveis e Sustentáveis da Universidade de São Paulo (Cátedra J. Castro/USP) - endereço eletrônico: mgmendonca@unifesp.br.

Mundo e Desenvolvimento
Revista do Instituto de Estudos Económicos e Internacionals
v. 8 n. 10 (2026)

Abstract: In Latin America, hunger has been a scourge since the colonial period. Although extremely rich in natural resources, its population is continually plagued by this tragedy, which intensified from 2020 onwards with the Covid-19 pandemic and the consequent increase in international food prices. The roots of this problem must be sought in several factors, notably the poverty of a large segment of the population, social inequality, and income concentration, observed since colonization and stemming from the way Latin American countries were integrated into the capitalist system after independence, the persistence of institutions geared towards defending class privileges, the lack of autonomy of the dominant classes in relation to the centers of capitalism, the absence of national projects, and the implementation of neoliberalism, which led the continent to resume its former role in the international division of labor and significantly weakened the State.

Keywords: Latin America; Hunger; Institutions; State

Introdução

Em 1946, logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, o médico, geógrafo e nutrólogo Josué de Castro denunciou a fome como um assunto quase maldito, que leva à erosão do potencial humano e, consequentemente, fecha suas vítimas num círculo vicioso (CASTRO, 1936). Como ele bem lembrou na ocasião, o tema é a *"tal ponto delicado e perigoso que se constituiu num dos tabus da nossa civilização"* (Castro, 2001, p. 11). No entanto, salientava que os estragos produzidos pela fome *"são maiores do que os das guerras e das epidemias juntas"* (Castro, 2001, p. 11). Desde então, o tema tem sido tratado por diversos autores de renome, como Martín Caparrós (CAPARRÓS, 2016) e Jean Ziegler (Zielgler, 2013).

Assim, mesmo depois de mais de 50 anos de sua morte, a obra de Josué de Castro permanece extremamente atual, especialmente se considerarmos que, segundo recentes relatórios da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), entre 638 milhões e 720 milhões de pessoas passavam fome em 2024, ou seja, de 7,8% a 8,8% da população mundial (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2025, p. 5). E a previsão é de que, em

2030, quando deverão ser atingidos os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), elaborados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, pelo menos a segunda meta – fome zero e agricultura sustentável – não será alcançada, pois estima-se que 582 milhões de pessoas continuarão a padecer de fome crônica em todo o planeta (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2024, p. 11).

O informe de 2025 revela também que, em 2024, cerca de 2,3 bilhões de pessoas passavam por insegurança alimentar moderada ou grave (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2025, p. 5), número que se manteve praticamente o mesmo desde 2022, atingindo quase 29% da população mundial (FAO, 2023, p. XVII; FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2024, p. 5). E, no que diz respeito a uma alimentação realmente nutritiva, a FAO indica que 2,8 bilhões de pessoas (1/3 da população mundial) não têm acesso a alimentos saudáveis (FAO, FIDA, UNICEF, PMA, OMS, 2024, p. 5)

Atente-se também para o fato de que, em 2022, a FAO já alertava para a questão da inflação de alimentos em todo o mundo, agravada pela pandemia de Covid-19 e pelas medidas implementadas por diversos governos nacionais com o objetivo de contê-la (FAO, 2022, p. 20). O fim da emergência sanitária, todavia, não levou a uma redução do preço dos alimentos, que continuaram subindo. De acordo com o relatório de 2025,

> os mercados mundiais de alimentos têm sofrido pressões persistentes nos últimos anos (...). A inflação dos preços dos alimentos reduziu o processo de recuperação após a pandemia de Covid-19 no que diz respeito à segurança alimentar (...). Desde 2020 a inflação dos preços mundiais dos alimentos vem superando a inflação geral (...). Somente em 2024 a inflação dos preços dos alimentos alcançou os níveis de 2019, portanto, anteriores à pandemia" (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2025, p. 6 – tradução nossa).

Apesar de toda essa tragédia, recentemente a FAO informou que, anualmente, entre 1/4 e 1/3 dos alimentos para consumo humano produzidos no mundo são perdidos ou desperdiçados[3]. No caso da América Latina, o desperdício é ainda mais grave. Conforme

[3] Isto corresponde a 1,3 bilhões de toneladas de alimentos, isto é, 30% dos cereais, entre 40% e 50% de raízes, frutas, hortaliças e sementes oleaginosas, 20% de carne e produtos derivados do leite, e 35% de pescados, suficientes para alimentar aproximadamente 2 bilhões de pessoas (BENITEZ, 2023).

assinalou Raúl Osvaldo Benitez, ex-representante regional da FAO para a América Latina e o Caribe, *"os alimentos que se perdem nas Bahamas, Jamaica, Trinidad e Tobago, Belize e Colômbia são equivalentes ao que se necessitaria para alimentar a todos os que sofrem com a fome nesses países"* (Benitez, 2023). Além disso, é preciso considerar que, do ponto de vista ambiental, o desperdício de alimentos é responsável por cerca de 8% a 10% dos gases de efeito estufa emitidos, contribuindo para eventos climáticos extremos, que têm impacto direto na produtividade agrícola e na qualidade nutricional dos alimentos, provocando também interrupções nas cadeias de suprimentos (Ferrari, 25/7/2023)

Entretanto, mesmo que o desperdício fosse eliminado, permaneceriam barreiras quase intransponíveis para extinguir o flagelo da fome, pois poucas das maiores empresas do ramo de alimentos controlam, atualmente, cerca de 1/4 dos recursos produtivos mundiais. A esse respeito é preciso lembrar que, atualmente, a agricultura é a atividade econômica mais importante no mundo, movimentando trilhões de dólares, num sistema regido exclusivamente pela lógica do capital e, portanto, sem quaisquer preocupações ambientais ou com a saúde dos consumidores (VON DER WEID, IV, 27/8/2023). Ademais, deve-se ressaltar que, recentemente, o relatório da Organização das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) apontou para o fato de que apenas catorze empresas dominam o mercado agrícola mundial, sendo que quatro delas são responsáveis por 70% desse comércio[4] (ORANGE, 2024). E, de acordo com a OXFAM, apenas duas empresas controlam mais de 40% da oferta de sementes, enquanto quatro detêm 62% do mercado mundial de pesticidas (Taneja, 2024, p. 28).

Deve-se considerar também o fato de que, malgrado a oferta agroalimentar tenha aumentado significativamente a partir da segunda metade do século XX, impulsionada pela Revolução Verde, esse aumento se deu em virtude da monotonia das paisagens agrícolas, da redução das raças de animais para fornecimento de carnes e do excessivo consumo de produtos alimentícios industrializados (Abramovay, 2023).

Ricardo Abramovay e Juliana Tângari destacam também o risco representado pela forma de criação de animais para consumo. Segundo eles,

> [...] as transformações genéticas [...] e [...] das raças favorecem a difusão de vírus e bactérias cuja propagação passa a ser combatida

[4] As quatro grandes empresas são: Cargill, Archer Daniels Midlands, Bunge e Louis Dreyfus.

> por antibióticos. [...] 73% dos antibióticos hoje produzidos [...] destinam-se aos animais destas criações concentracionárias. A consequência é o avanço da resistência aos antimicrobianos, que expõe a sociedade ao surgimento de vírus e bactérias aos quais os medicamentos conhecidos não conseguem dar combate (Abramovay; Tângari, 6/9/2023).

Verifica-se, portanto, que é urgente a modificação dos sistemas alimentares mundiais, de modo a tenham maior diversidade. Da mesma forma, é preciso que se criem mecanismos para que estes sistemas possam resistir a perturbações e a impactos negativos, como foi o caso da pandemia de Covid-19. Contudo, o que se vê é a manutenção de políticas econômicas e públicas voltadas para os interesses do mercado internacional de alimentos e de produtos agropecuários, impossibilitando à população mais pobre acesso a comida suficiente e de boa qualidade.

1. A permanência da fome na América Latina

Grande parte desses problemas já havia sido apontada por Josué de Castro, primeiramente em sua obra mais conhecida – *Geografia da Fome* -, publicada em 1946 (Castro, 2001), e aprofundada em *Geopolítica da Fome*, que teve uma primeira edição em 1949, complementada em 1951 (Castro, 1957, 2 v.). Neste último, há um capítulo exclusivamente dedicado ao continente americano, em que o autor aponta que, apesar de todos os seus recursos, a fome é um fenômeno registrado em toda essa região do planeta (Castro, 1957, v. 1). Para ele, as raízes dos males da América Latina estão na fome crônica de sua população (Castro, 1957, v. 1).

Essa tragédia chama ainda mais atenção se considerarmos que a América Latina é também um dos maiores exportadores mundiais de alimentos. No entanto, a fome grassa no continente desde o período colonial. A esse respeito, José Graziano da Silva indica que a permanência da fome na região decorre da desigualdade. Para ele, o problema fundamental é a ausência de um Estado que efetivamente represente a sociedade e que promova o desenvolvimento e a justiça social (Silva, 2006)

Essa fragilidade do Estado latino-americano cobra, segundo Celso Furtado, um preço altíssimo das populações do continente. Conforme ressaltou, *[...] mais que em qualquer outra*

área de significação mundial, é na América Latina que os obstáculos ao desenvolvimento são principalmente de natureza institucional [...] (Furtado, 1970, p. 9).

O resultado é o que se viu nos relatórios a respeito da questão da segurança alimentar e nutricional na América Latina e no Caribe, apresentados conjuntamente pela FAO, pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Organização Panamericana de Saúde (OPS), pelo Programa Mundial de Alimentos (WFP) e pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), nos anos de 2022, 2023 e 2024.

De fato, a fome e a insegurança alimentar aumentaram na região a partir de 2015, quando cresceu 5,8%. Em 2019, portanto, antes da pandemia de Covid-19, a insegurança alimentar atingia 28,9% da população latino-americana e caribenha, número que se elevou para 34,6% em 2020. Em 2021 esse índice baixou para 34,3% e continuou a cair: para 31,4% em 2022, e 28,2% em 2023 (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2024, p. 14). No entanto, e apesar dessa queda, é preciso salientar que, embora o índice seja inferior àquele verificado no mundo como um todo entre 2019 e 2021, o aumento na região (28%) foi maior que no restante do planeta (23%) (FAO, Unicef, OPS, WFP, Fida, OMS, 2022, p. IX). Assim, em 2021, a insegurança alimentar afetava 40% da população da América Latina e do Caribe, enquanto no mundo a porcentagem de pessoas atingidas era de 29,3% (FAO, Unicef, OPS, WFP, Fida, OMS, 2022, p. IX).

Apresentamos abaixo dados relativos à evolução da subalimentação e da insegurança alimentar no mundo, na América Latina e no Caribe:

Mundo e Desenvolvimento
Revista do Instituto de Estudos Económicos e Internacionals
v. 8 n. 10 (2026)

Tabela 1 - Concentração e distribuição da insegurança alimentar por gravidade, 2023 (milhões)

	População total	População em insegurança alimentar moderada ou grave	População em insegurança alimentar grave
Mundo	8.045	2.326	864
Ásia	4.753	1.181	467
África	1460	847	316
América do Norte e Europa	1.121	98	18
América Latina e Caribe	665	188	58

Fonte: FAO. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2024, p. 20

Tabela 2 - Níveis mundiais de insegurança alimentar grave, 2015-2024 (%)

	2015	**2019**	**2020**	**2021**	**2022**	**2023**	**2024**
Mundo	7,4	9,0	10,5	11,0	10,5	10,4	10,1
África	16,6	19,0	20,7	21,3	21,2	21,3	22,2
Ásia	6,6	8,2	9,8	10,1	9,4	9,4	8,7
América Latina e Caribe	6,0	8,1	10,5	11,5	10,2	8,1	7,8
América do Norte e Europa	7,6	5,9	6,4	6,1	6,9	6,8	6,6

Fonte: FAO, Fida, Unicef, WFP, OMS. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2025, p. 15. Versión resumida.

Tabela 3 - Níveis mundiais de insegurança alimentar moderada, 2015-2024 (%)

	2015	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Mundo	21,4	25,0	28,8	28,9	28,5	28,4	28,0
África	45,0	51,1	54,0	57,0	57,2	57,5	58,9
Ásia	17,8	21,3	25,8	25,0	24,3	24,3	23,3
América Latina e Caribe	23,7	28,0	33,7	33,4	30,0	26,7	25,2
América do Norte e Europa	9,0	6,8	7,5	7,4	8,4	8,5	8,1

Fonte: FAO, Fida, Unicef, WFP, OMS. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2025. Versión resumida, p. 15.

Verifica-se na tabela 3 que, em 2024, a porcentagem de pessoas em estado de insegurança alimentar moderada ou grave no mundo era de 28,0%, enquanto na Ásia era de 23,3%, e na América do Norte e na Europa, de 8,15. Já na América Latina e no Caribe, a porcentagem de famintos chegou a 25,2% da população, só superada pela África, onde o índice foi de 58,9%. Do mesmo modo, pode-se ver que, durante a pandemia, a porcentagem de famintos na América Latina e no Caribe ficou acima do índice mundial, a despeito de o continente ser um dos maiores exportadores de alimentos do planeta.

Isto se explica, em grande medida, pelo fato de que, na América Latina e no Caribe, onde os países têm renda média, o custo diário de uma dieta saudável é o maior do mundo, em paridade de poder de compra (PPC). É o que se pode ver na tabela 4, abaixo:

Tabela 4 - Custo médio de uma dieta saudável por dia, 2017-2022 (US$ PPC)

	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Mundo	3,13	3,17	3,25	3,35	3,56	3,96
África	3,07	3,09	3,12	3,18	3,41	3,74
América Latina e Caribe	3,61	3,68	3,76	3,87	4,08	4,56
América do Norte e Europa	2,77	2,82	2,95	3,02	3,12	3,57
Ásia	3,23	3,29	3,38	3,54	3,84	4,20
Oceania	2,74	2,74	2,85	2,95	3,12	3,46

Fonte: FAO. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2024, p. 30

Como se vê na tabela 4, antes mesmo da pandemia, o preço médio de uma dieta saudável por dia (US$ PPC) na América Latina e no Caribe já era o mais alto do mundo, índice que se manteve depois do fim do período de emergência sanitária. Já na tabela 5, abaixo, será possível verificar os efeitos deletérios dos altos custos de uma dieta saudável:

Tabela 7 - Proporção da população mundial que não podia ter acesso a uma dieta saudável, por região, 2017-2022 (%)

	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Mundo	40,3	38,0	36,4	37,9	36,4	35,4
África	65,1	64,6	64,1	65,1	64,6	64,8
América Latina e Caribe	23,2	28,4	27,8	28,9	30,1	27,7
América do Norte e Europa	7,2	6,9	6,2	5,9	5,1	4,8
Ásia	43,3	39,5	37,0	39,0	36,5	35,5
Oceania	15,7	16,4	18,0	21,2	22,4	20,2

Fonte: FAO. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2024, p. 32

Vê-se que, em 2022, 35,4% da população mundial não podia ter acesso à comida de nutritiva e de boa qualidade. Porém, é preciso notar que, na América do Norte e na Europa, essa porcentagem era bem menor, afetando 4,8% da população. Na Ásia, o índice de 35,5 aproximava-se da média mundial. Já na África, a tragédia atingia 64,8% de pessoas. Por fim, na América Latina e no Caribe, continente em que vários países se destacam como grandes exportadores de alimentos, cerca de 27,7% dos habitantes não tinham condições de consumir uma dieta saudável.

Mundo e Desenvolvimento
Revista do Instituto de Estudos Económicos e Internacionals
v. 8 n. 10 (2026)

Na tabela abaixo é possível ver como a insegurança alimentar moderada ou grave atinge mais as mulheres que os homens, mas, na América Latina e no Caribe o fenômeno é muito mais acentuado:

Tabela 6 - Prevalência de insegurança alimentar ou grave, por sexo, na América Latina e no Caribe, por subregião (%) – períodos selecionados

	Insegurança alimentar grave				**Insegurança alimentar grave ou moderada**			
	Homens		**Mulheres**		**Homens**		**Mulheres**	
	2014-2016	**2020-2022**	**2014-2016**	**2020-2022**	**2014-2016**	**2020-2022**	**2014-2016**	**2020-2022**
Mundo	6,5	9,3	7,2	10,8	18,9	25,2	20,7	28,1
América Latina/ Caribe	7,0	11,4	8,5	14,3	25,1	33,7	29,7	43,8
Caribe	n.d.	27,7	n.d.	30,0	n.d.	60,2	n.d.	63,9
América Central	5,8	6,7	6,7	8,8	27,5	28,4	30,6	39,3
América do Sul	5,0	11,7	6,6	14,9	20,6	33,2	25,8	43,6

Fonte: FAO, Unicef, WFP, Fida, OMS *América Latina y el Caribe. Panorama regional de la seguridad alimentaria y la nutrición*, 2023, p. 60 n.d.= não disponível

O fato de as mulheres serem mais atingidas pela insegurança alimentar tem consequências graves, pois, nos períodos de gestação e amamentação, seus filhos são duramente afetados, como se constata na tabela 7, abaixo, que mostra a porcentagem de crianças menores de 5 anos que apresentam retardo no crescimento na América Latina e no Caribe:

Tabela 7 - Prevalência de retardo no crescimento em crianças menores de 5 anos na América Latina e no Caribe, por subregião (%) – anos selecionados

	2000	2005	2010	2012	2015	2019	2020	2022
Mundo	33,0	31,1	27,9	26,3	24,6	23,0	22,7	22,3
América Latina e Caribe	17,8	15,7	13,6	12,7	12,1	11,8	11,7	11,5
Caribe	15,3	14,6	13,7	13,0	12,5	11,9	11,7	11,3
América Central	25,3	22,3	19,3	18,2	17,5	17,4	17,2	16,9
América do Sul	14,6	12,7	10,9	10,1	9,5	9,2	9,1	9,0

Fonte: FAO, Unicef, OPS, WFP, Fida, OMS *América Latina y el Caribe. Panorama regional de la seguridad alimentaria y la nutrición*, 2023, p. 61

Vê-se que, no período de 2000 a 2022, o retardo no crescimento em crianças menores de 5 anos no mundo diminuiu em 10,7%. Porém, na América Latina e no Caribe, essa redução foi bem menor, de 6,3%. Outro dado importante é o fato de que, no continente, a prevalência de sobrepeso em crianças menores de 5 anos e de obesidade em adultos está muito acima da média mundial. Isto se explica, em grande parte, pela desigualdade verificada na região e pelo fato de que o custo de uma dieta saudável é, em média, mais alto do que no restante do mundo, tornando seu acesso impraticável para cerca de 131 milhões de pessoas (FAO, Unicef, OPS, WFP, Fida, OMS, 2022, p. 1).

2. Desafios e perspectivas da luta contra a fome na América Latina

Tendo em vista essas questões, José Graziano da Silva destaca que todas essas mazelas decorrem da imensa desigualdade social existente na América Latina e no Caribe. Para ele, combatê-la *[...] significa inverter os dentes de uma engrenagem que veta à maioria da população latino-americana e caribenha o acesso a direitos elementares. O direito à segurança alimentar é um deles*

(Silva, 2006). E especificamente sobre a questão da fome, acrescenta: *[...] certamente o que não falta é comida. A região é exportadora líquida de alimentos. [...] faltam, crucialmente, políticas públicas ancoradas em mecanismos institucionais fortes e democráticos. Em uma palavra: falta Estado* (Silva, 2006).

Nesse sentido, é importante verificar alguns dados que nos possam fornecer uma melhor visão do tamanho da desigualdade social no continente. A seguir, apresentamos informações sobre os níveis de pobreza, de concentração de renda, e de desemprego na América Latina e no Caribe.

Tabela 8 – América Latina e Caribe (18 países): pessoas em situação de pobreza e pobreza extrema, 1990-2024 (%) – anos selecionados

	Pobreza	**Pobreza Extrema**
1990	51,2	15,5
2002	45,3	12,2
2010	31,5	8,6
2014	27,7	7,7
2019	30,2	11,3
2020	32,8	13,2
2021	32,5	13,0
2022	28,8	11,1
2023	27,3	10,6

Fonte: CEPAL. *Panorama social de América Latina y el Caribe*, 2024, p. 20.

Países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela

Tabela 9 – América Latina e Caribe (18 países): população em situação de pobreza por grupos de idade, 2014-2023 (%) – anos selecionados

	2014	**2021**	**2023**
0 - 17 anos	40,6	46,1	40,6
18 – 39 anos	25,4	31,6	26,0
40 – 59 anos	20,0	26,0	21,0
60 anos ou mais	15,8	17,8	15,3

Fonte: CEPAL. *Panorama social de América Latina y el Caribe*, 2024, p. 64

Países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela.

Percebe-se que, na América Latina e no Caribe, houve, entre 1990 e 2010, uma importante redução do índice de pobreza e de pobreza extrema. No entanto, ocorreu um aumento significativo a partir de 2019, antes, portanto, do início da pandemia de Covid-19. A pobreza voltou a baixar a partir de 2022, retornando o patamar de 2014, mas a extrema pobreza manteve-se mais alta.

Outro dado a considerar é que a pobreza atinge muito mais agudamente a população entre 0 e 17 anos, o que significa que crianças e adolescentes terão seu futuro comprometido pela falta de alimentação adequada exatamente na fase de crescimento.

Tabela 10 – América Latina e Caribe (14 países): índice de Gini (2014-2023)

2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023
0,471	0,467	0,465	0,463	0,461	0,463	0,465	0,464	0,455	0,452

Fonte: CEPAL. Panorama social de América Latina y el Caribe, 2024, p. 21

Países: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

Tabela 11 – América Latina e Caribe (16 países): participação dos 10% e do 1% mais altos na distribuição da renda e na riqueza total, 2010-2021 (%)

	10% mais alto		1% mais alto	
	Renda	Riqueza	Renda	Riqueza
2010	54,5	67,9	19,8	35,2
2011	54,0	68,8	19,7	36,4
2012	53,2	67,2	19,5	34,8
2013	53,9	69,0	20,3	37,0
2014	53,1	67,3	20,1	35,0
2015	53,2	67,2	19,3	34,7
2016	53,5	67,0	19,9	34,2
2017	53,3	66,1	19,0	33,5
2018	53,3	66,0	19,7	33,3
2019	52,6	65,9	18,9	33,1
2020	54,1	65,8	19,9	32,7
2021	52,8	65,9	18,9	33,1

Fonte: CEPAL. *Panorama social de América Latina y el Caribe*, 2024, p. 79

Países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador. Guatemala, Honduras, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai

Como se pode ver nas tabelas 10 e 11 acima, a desigualdade social é uma verdadeira chaga na América Latina e no Caribe, onde políticas públicas não conseguem reduzi-la. Já na tabela abaixo, vê-se a evolução do PIB e da taxa de emprego e na América Latina e no Caribe, no período de 1951 a 2023. O que se constata é que o aumento por decênio é muito pequeno e que, a partir da década de 1990 caiu acentuadamente.

Tabela 12 – América Latina e Caribe (17 países): taxa de crescimento do emprego e do PIB, média anual por década, 1951-2023 (%)

	PIB	**Emprego**
1951-1959	4,9	2,2
1960-1969	5,7	2,4
1970-1979	6,1	3,5
1980-1989	2,3	2,9
1990-1999	2,9	2,1
2000-2009	3,0	2,2
2010-2019	1,9	1,3
2014-2023	0,9	1,1
1951-2023	3,7	2,6

Fonte: CEPAL. *Estudio Económico de América Latina y el Caribe*, 2024, p. 154.

Países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai.

Na tabela 12, é possível verificar que a taxa de crescimento do PIB no continente foi relativamente alta até o final da década de 1970. A partir dos anos 1980, quando eclodiu a

crise da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, o índice baixou significativamente, queda que se acentuou desde o início do século XXI. Porém, chama a atenção o fato de que, mesmo no período de 30 anos em que o PIB do continente cresceu bastante, o índice de emprego jamais acompanhou esse aumento.

Diante de tantas distorções, Josué de Castro preconizava a necessidade de se promover o desenvolvimento econômico para combater a fome, enfatizando que isso dependia de mudanças profundas no sistema econômico mundial (Castro, 1968).

No entanto, Celso Furtado advertia que

> O subdesenvolvimento tem suas raízes numa conexão precisa, surgida em certas condições históricas, entre o processo interno de exploração e o processo externo de dependência. [...] o subdesenvolvimento dever ser entendido como um processo, vale dizer, como um conjunto de forças de interação e capazes de reproduzir-se no tempo. Por seu intermédio, o capitalismo tem conseguido difundir-se em amplas áreas do mundo sem comprometer as estruturas sociais pré-existentes nessas áreas. [...] É mesmo possível que ele seja inerente ao sistema capitalista [...] (Furtado, 1983, p. 94).

E especificamente sobre a América Latina, Celso Furtado apontava para o fato de que

> As instituições que formaram o substrato da sociedade colonial [...] persistiram sem modificações na fase subsequente e serviram de suporte à formação dos Estados nacionais. O desenvolvimento econômico [...] ocorre a partir da metade do século XIX [...]. Esse desenvolvimento econômico consistiu, até começos do século atual[5], em utilizar extensivamente recursos disponíveis de terras e mão de obra para especializar-se na exportação de produtos primários, o que requereu, muitas vezes, importantes investimentos infraestruturais, via de regra financiados do estrangeiro. [...] A modernização das infraestruturas proporcionou economias de aglomeração que favoreceriam as populações urbanas [...]. Com a urbanização, intensifica-se a transplantação dos padrões de consumo, privados e públicos, dos países de civilização de base industrial. Desta forma, a modernização se faz através da adoção de produtos acabados, e de transplantação de formas de comportamento na utilização do produto e não pela assimilação da tecnologia moderna no nível dos processos produtivos. [...]Forma-se, assim, um quadro no qual a difusão do progresso técnico é lenta, e em que o acesso aos frutos dos

[5] Evidentemente, o autor se refere ao século XX.

> incrementos de produtividade é restringido, permanecendo grandes massas de população marginalizadas (Furtado, 1976, p. 331-333).

Quanto à urgência da adoção de políticas que facilitem a distribuição de alimentos e a redução dos preços, Josué de Castro lembrava que avanços tecnológicos na produção agropecuária não seriam suficientes para combater a fome, pois haveria o risco de formação de excedentes agrícolas ao lado do subconsumo, fenômeno que só pode ser evitado por meio de um planejamento mundial (Castro, 1957, v. 2).

Em seu relatório de 2024, a FAO alerta ainda para um outro problema relativo ao combate à insegurança alimentar, e que, no caso da América Latina, é extremamente difícil de ser enfrentado: trata-se da questão do financiamento de políticas voltadas para o enfrentamento do flagelo da fome, tanto no que diz respeito a recursos públicos como privados, nacionais ou estrangeiros (FAO, Fida, Unicef, PMA, OMS, 2024).

Na verdade, na América Latina, esse compromisso é praticamente uma quimera, pois, conforme já apontado, a fragilidade do Estado e das instituições políticas tem sido uma tônica desde a independência. Essa vulnerabilidade foi levada ao paroxismo desde a crise da dívida externa, na década de 1980, quando os países centrais do capitalismo impuseram ao continente o ideário neoliberal, com a adoção das políticas preconizadas pelo Consenso de Washington, a promoção do desmonte do Estado e a completa submissão das economias da região aos interesses do capital financeiro. Esse processo tem tido consequências gravíssimas para a população latino-americana, notadamente no que diz respeito ao acesso aos alimentos, tendo em vista a inflação, o desperdício e a produção agropecuária voltada para a exportação.

De fato, com a submissão ao neoliberalismo, a América Latina voltou ao seu antigo papel na divisão internacional do trabalho, qual seja, o de produtora de artigos primários e importadora de bens manufaturados e de tecnologia. Isso tem gerado não apenas desemprego, fome e pobreza, mas a destruição de suas riquezas naturais e do meio ambiente (ACSELRAD, 2023).

3. Considerações finais

A América Latina, tradicionalmente descrita como a porção do continente americano colonizada por portugueses, espanhóis e franceses[6], estende-se por uma área de mais de 20 milhões km². Uma imensa diversidade geográfica, demográfica e cultural caracteriza a região. Porém, há uma marca comum a todos os seus países: o subdesenvolvimento, que se revela de diversas formas, sendo a fome e a insegurança alimentar a mais cruel.

Isto se deve, sem dúvida, às características da colonização, à forma de inserção dos países da região no sistema capitalista depois de independência, à permanência de instituições voltadas à manutenção dos privilégios de classe, à dependência das classes dominantes em relação aos centros de decisão do capitalismo, à ausência de projetos nacionais e à implantação do neoliberalismo, a partir da crise da dívida externa na década de 1980, que reconduziu o continente ao seu antigo papel na divisão internacional do trabalho, ou seja, o de exportador de produtos primários e de importador de artigos industrializados e de tecnologia, e provocou a fragilização das instituições e o aumento da instabilidade política.

Essas características geraram sociedades extremamente desiguais, em que a maior parte da renda é apropriada por uma pequena parcela da população e a riqueza concentrada nas mãos de muito poucos. Hoje, passado o primeiro quarto do século XXI, a América Latina continua submetida ao flagelo da fome, a despeito de suas imensas riquezas, que atraem a cobiça do imperialismo, como se pode ver das recentes ações dos Estados Unidos em relação a Cuba e à Venezuela, bem como as ameaças reiteradas por parte do presidente norte-americano.

Em 24 de julho de 2024, em reunião ministerial do G20[7], realizada no Rio de Janeiro, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou a Aliança Global contra a Fome e a Pobreza, apresentando os documentos fundacionais da iniciativa (G20 Brasil, 2024). No caso da América Latina, a implantação das medidas preconizadas nesses documentos e a atenção aos alertas da FAO seriam, de fato, um grande passo no enfrentamento do flagelo da fome, que

[6] É preciso lembrar que há também poucas áreas colonizadas pela Inglaterra (Belize, Guiana, Jamaica e algumas pequenas ilhas do Caribe), e pela Holanda (Suriname, Curaçao, Aruba e Bonaire).
[7] O G20 é um fórum de cooperação entre as maiores economias do mundo. Integram o grupo: África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coréia do Sul, Estados Unidos, França, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Reino Unido, Rússia e Turquia, além da União Europeia. A presidência do G20 é exercida de forma rotativa, e o Brasil ocupou a função de 1/12/2023 a 30/11/2024.

atinge o continente desde o período colonial, e foi agravado pela pandemia de Covid-19 e pelo consequente aumento do preço internacional dos alimentos.

Contudo, a maioria dos países latino-americanos está hoje submetida a governos de extrema-direita, que estimulam o controle da agricultura por grandes corporações, as quais dominam a produção agropecuária e os mercados de sementes, fertilizantes, defensivos agrícolas, transporte e comercialização. O resultado é a prevalência do atraso, da desigualdade e da pobreza na maioria dos países latino-americanos, com a permanência do flagelo da fome para grandes contingentes da população.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. O G20 e a monotonia do sistema agroalimentar. *Folha de S. Paulo*, 4 jun. 2023. Disponível em: https://ricardoabramovay.com/2023/06/o-g20-e-a-monotonia-do-sistema-agroalimentar/, acesso em: 4/6/2023.

ABRAMOVAY, Ricardo; TÂNGARI, Juliana. Desafio global. *A terra é redonda*, 6/9/2023. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/desafio-global/?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign..., acesso em: 8/9/2023.

ACSELRAD, Henri. Capitalismo extrativo. *A terra é redonda*, 3 jun. 2023. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/capitalismo-extrativo/?utm_source=newsletter&utm-medium=email&utm_ca..., acesso em: 4/6/2023.

BENITEZ, Raúl Osvaldo. Perdas e desperdícios de alimentos na América Latina e no Caribe. *Escritório Regional da FAO para a América Latina e o Caribe*. Disponível em: https://www..fao.org/americas/noticias/ver/pt/c/239394, acesso em: 8/6/2023.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Por aclamação, representantes mundiais apoiam Aliança Global contra a Fome e a Pobreza*, 25/7/2024. Disponível em: https://www..gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/07/por-aclamacao-representantes-mundiais-endossam-alianca-global-contra-a-fome-e-a-pobreza, acesso em 22/9/2024.

CAPARRÓS, Martín. **A fome**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

CASTRO, Josué de. **Alimentação e raça**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASTRO, Josué de. **Geopolítica da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1957, 2 v.

CASTRO, Josué de. **O livro negro da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1968.

CEPAL. *Estudio económico de América Latina y el Caribe*, 2024. Disponível em: hattps://www.cepal.org/es/presentaciones/estudio-economico-america-latina-caribe-2024, acesso em: 8/2/2026.

CEPAL. *Panorama social de América Latina y el Caribe*, 2024. Disponível em: https://www.cepal.org/es/publicaciones/80858-panorama-cocial-america-latina-caribe-2024-desafios-la -protecion-social, acesso em: 2/6/2025.

FAO. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2024. Versión resumida. Disponível em: https://openknowledge.fao.org/items/78153f66-8210-4fba-a71f-aa2c846b45da, acesso em: 6/6/2025.

FAO. Depósito de Documentos. *El estado de la seguridad alimentaria y la nutrición en el mundo (2022)*. Disponível em: http://www.fao.org./documents/card/en/c/CC0639ES, acesso em: 28/5/2023.

FAO, FIDA, UNICEF, WFP, OMS. *El estado de la seguridade alimentaria y la nutrición en el mundo*, 2025. Disponível em: https://openknowledge.fao.org/items/1f6c931c-f944-46eb-8662-f95e26699804, acesso em 8/2/2026.

FAO, FIDA, UNICEF, PMA, OMS. *Versión resumida de El estado de la seguridad alimentaria y nutricional en el mundo (2024). Financiación para acabar com el hambre, la inseguridad alimentaria y la malnutrición en todas sus formas*. Roma: FAO, 2024. Disponível em: https://openknowledge.fao.org/items/a64a8a14-7b05-40a0-a978-25deffdf4cf7, acesso em 18/9/2024.

FAO, UNICEF, OPS, WFP, FIDA, OMS. *América Latina y el Caribe: Panorama regional de seguridad alimentaria y la nutrición (2023)*. Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/59186, acesso em: 24/4/2024.

FAO, UNICEF, OPS, WFP, FIDA, OMS. *América Latina y el Caribe: Panorama regional de seguridad alimentaria y nutricional (2022)*. Disponível em: https://www.paho.org/es/documentos/panorama-regional-seguridad-alimentaria-nutricional-america-latina-caribe, acesso em: 24/4/2024.

FURTADO, Celso. **Formação econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Lia Editor, 1970.

FURTADO, Celso. **A economia latino-americana**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

G20. Brasil 2024. *Global alliance against hunger and poverty: foundational documents. Building a just world and a sustainable planet*. Disponível em: https://www.gov.br, 24/7/2024, acesso em: 19/9/2024.

ORANGE, Martine. Los gigantes que dominan el comercio agrícola mundial. *Sinpermiso*, 18/4/2024. Disponível em: https://sinpermiso.info/textos/los-gigantes-que-dominan-el-comercio-agricola-mundial, acesso em: 23/4/2024.

SILVA, José Graziano da. A FAO frente às desigualdades sociais na América Latina e Caribe. Entrevista realizada por Aldenor Gomes e Fernando Bastros. *Cronos*. Natal, v. 7, n. 1, janeiro-junho/2006.

TANEJA, Anjela (Coord.). *Desigualdade S. A*. OXFAM, janeiro/2024. Disponível em: https://d335luupugsy2.cloudfront.net/cms%2Ffiles%2F115321%2F1705421742Davos_2024_completo_pt-BR.pdf, acesso em: 24/4/2024.

VON DER WEID, Jean Marc. Um novo lugar para a agricultura – IV. *A terra é redonda*, 27/8/2023. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/um-novo-lugar-para-a-agricultura-iv/, acesso em: 29/8/2023.

ZIEGLER, Jean. **Destruição em massa**. São Paulo: Cortez, 2013.